NA EXPOSIÇÃO D'ARTE APLICADA: Mademoiselle Maria Joana Mendes Correia, fazendo uma aplicação em estanho — (Cliché Benoliel)

N.º 316 Lisboa, 11 de Março de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E ESPANHA:
Ano, 4$800—Semestre, 2$400—Trimestre, 1$200

Illustração PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SECULO

Diretor e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Composição e Impressão: RUA DO SECULO 43

Somatose liquida

Poderoso galactogeneo

E

Reconstituinte sem egual

A SOMATOSE LIQUIDA TÃO CONHECIDA E LOUVADA POR TODAS AS NOTABILIDADES MEDICAS DO MUNDO É ESPECIALMENTE RECOMMENDADA

A'S MÃES QUANDO AMAMENTAM SEUS FILHOS

AOS FILHOS QUANDO SÃO ANEMICOS E DEBEIS

EXIGIR SEMPRE OS FRASCOS ORIGINAES MARCADOS COM A

CRUZ DE BAYER

A' VENDA EM TODAS AS BOAS PHARMACIAS E DROGARIAS

A·ILHA·DE·S.JORGE

O Iate que fez carreira entre S. Jorge e Pico

Da ultima vez que passámos a S. Jorge, e já lá vão muitos anos, temos ainda duas impressões bem nitidas: o mar terrivel que o navio apanhou ao dobrar-lhe a *Ponta* e o aspéto fascinante da ilha.

Chamam *Graciosa* á ilha visinha, mas S. Jorge não é menos. Ainda estamos a vêr os seus montes docemente arredondados, como se n'isso andasse mão d'artista, e como que banhados por ondas de um verde liquido, irisadas de cromo e de carmin. Que magia de galas vestia então aquela boa terra!

Quedámo-nos absortos a contemplal-a, da amurada. Chegámos a ter receio de nos aproximar da ilha, como quem receia perder, ao aproximar-se de uma grande tela, o delicioso efeito que ela lhe produziu a distancia. Inglezes, que vagueavam havia muito pelo mundo em cata de coisas bonitas, afirmavam-nos que era um dos pedaços da terra mais notavelmente belos que tinham visto e que viria a ser prediléto do turismo.

E produtivo, acrescentámos nós. Porque, na verdade, S. Jorge é um torrão fertilissimo. D'ele brota tudo o que é essencial á vida. As suas pastagens teem um poder prodigioso de renovação. O gado abundantissimo, que as tasquinha, tem-nas sempre verdinhas e tenras. Todos conhecem o ótimo queijo de S. Jorge, o melhor dos seus laticinios, com que inglezes e americanos não se cansam de querer rivalisar. Mas S. Jorge não prospéra apenas pelos seus laticinios, cereaes, frutas, etc. Tambem vive do mar com grande vantagem. Pesca todo o peixe que ali se consome, pesca a baleia e o albafar, este com os seus desproporcionados figados que dão magnifico oleo para iluminação e para diversas aplicações industriaes.

São aventureiros e valentes, os homens de S. Jorge, mas não é por isso que a ilha

2—Vila das Velas 3—Um grupo de familias de passeio ao campo

tem o nome do guerreiro santo, invocado por D. João I em Aljubarrota. Foi por a descobrirem no dia de S. Jorge. Batem-se contra o mar pelo pão, como se bateram pela autonomia patria contra o dominio hespanhol, que no distrito d'Angra encontrou o ultimo reduto; mas são essencialmente homens de paz e de trabalho.

1—A volta da pesca do albafar
2—O mar no caes das Velas

Dos seus excelentes portos, Calheta e Velas, ha muito comercio com as outras ilhas e o continente; saem muitos barcos a explorar o mar.

Não obstante a fertilidade do seu solo, o jorgense emigra para as duas Americas, como todo o bom açoreano, corajoso, cheio de fé, ávido de luta e de trabalho, ancioso de novos horisontes. Tambem é importante, em quantidade e qualidade, o contingente que S. Jorge dá para as nossas escolas superiores e para os varios ramos da atividade no continente, encontrando-se hoje muitos filhos da encantadora ilha em posições elevadas, conquistadas pela sua inteligencia e pelo seu trabalho.

Na medicina, na engenharia, nas letras e no comercio, tem S. Jorge entre nós a mais distinta representação.

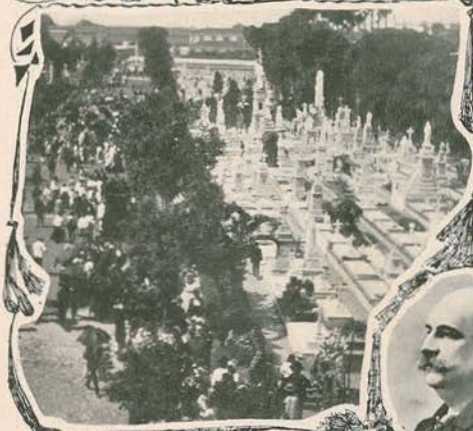
Mas — voltando ás belezas da ilha — quem pudéra outra vez a admiral-as, quem pudéra, sobre tudo, convencer os portuguezes que viajam de que é raro encontrar longe de Portugal, a centenas de leguas no estrangeiro, a junção sublime da terra e do mar, que se encontra a umas centenas de milhas, nos Açôres, sob a querida bandeira das quinas.

3—Dois albafares enormes puxados a guindaste

4—Colmeias

BARÃO DO RIO BRANCO
O SEU FUNERAL NO RIO DE JANEIRO

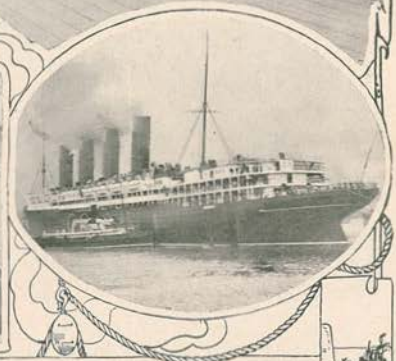
O Rio de Janeiro assistiu a uma verdadeira apoteose com o desfilar do prestito funebre do homem que foi uma das mais legitimas glorias do Brazil e a quem a sua patria tributou honras de chefe de Estado. Não foram, porém, apenas as cerimonias officiaes que consagraram o funeral do grande diplomata ante o qual a atitude do povo marcou bem quanto o chanceler brazileiro era respeitado e querido por todas as classes sociaes do Brazil e como em volta da sua memoria se vae formando um verdadeiro culto.



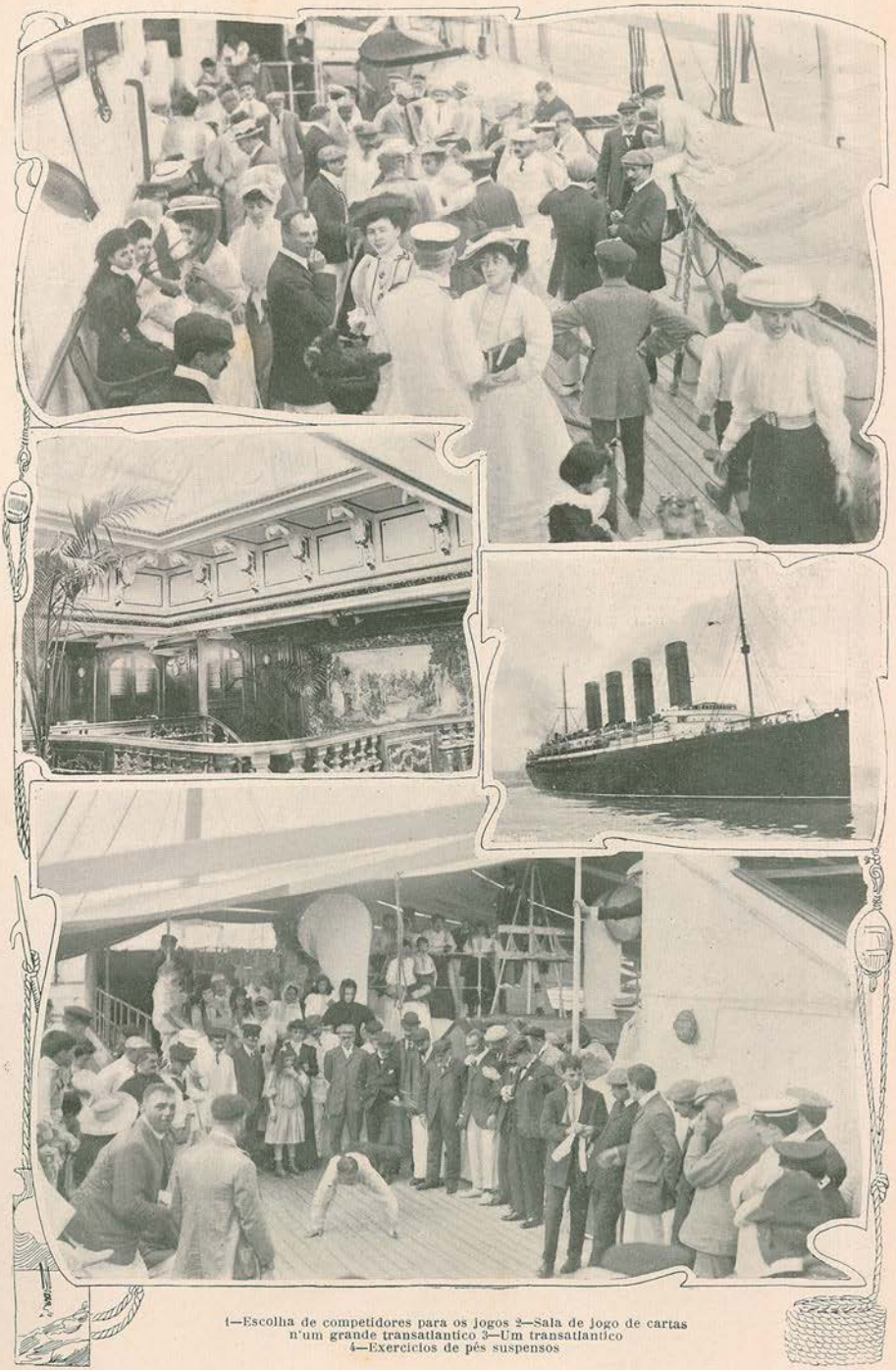
1—O cortejo começando a pôr-se em marcha 2—No cemiterio de S. Francisco Xavier 3—Jazigo do Barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos) 4—Barão do Rio Branco

5—Saida do feretro do palacio de Itamaraty

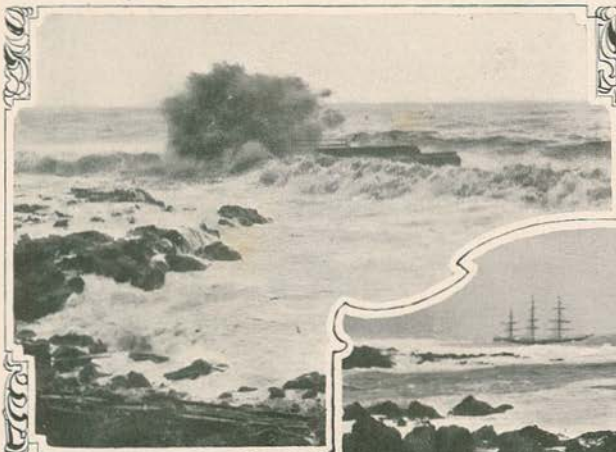
A VIDA A BÓRDO



1—Corrida da batata: A jogadora do meio é mademoiselle Mercedes Quintana, formosa neta do falecido presidente da Republica Argentina
2—Um grupo de passageiros 3—Um grande transatlantico
4—Corrida de creanças descalças



1—Escolha de competidores para os jogos 2—Sala de jogo de cartas n'um grande transatlantico 3—Um transatlantico 4—Exercicios de pés suspensos



2—*Ponta Delgada*: A galera norueguezа *Sterling* é, debaixo d'um grande temporal, abandonada em 14 de fevereiro pela tripulação e vae á garra de encontro aos penedos (Cliché do distinto fotografo amador sr. Henrique P. da Costa)

1—*Ponta Delgada*: Duas horas depois, a galera *Sterling* estava desfeita contra os recifes, levantando o mar uma grande salseirada sobre os seus ultimos despojos—(Cliché do distinto fotografo amador sr. Henrique P. da Costa)

3—*Angra do Heroismo*:—O povo, no pateo da Alfandega, em frente da Associação Comercial, aguardando a saida da direção que vae entregar ao governador civil uma representação contra o aumento de contribuições

OS SECRETARIOS DE S. Ex.ª O PRESIDENTE DA REPUBLICA

1—Sr. Manuel d'Arriaga Brun da Silveira

2—Sr. Henrique Barros

3—Sr. Roque d'Arriaga

4—Sr. Batalha de Freitas, novo ministro de Portugal em Pekin e Tokio

5—Sr. Leopoldo Suarez, novo ministro do Mexico em Lisboa

6—Yuan Shi Kai, presidente provisorio da Republica da China

7—Teatro d'amadores na provincia: Uma representação em Serpa da peça «A Sombra do Sineiro» na casa de espetaculos Talia

1—José Caldas, nomeado presidente da comissão da Bula da Cruzada

José Caldas—O ilustre escritor sr. José Caldas foi nomeado presidente da comissão da Bula da Cruzada, onde vae prestar os serviços de que ha a esperar da sua larga proficiencia.

O novo governador civil de Castelo Branco—O sr. dr. Henrique T. Coelho dimitiu-se de governador civil de Castelo Branco, sendo nomeado para este cargo o alferes sr. Francisco d'Almeida.

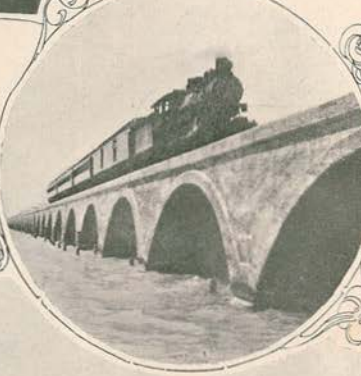
2—Alferes Francisco d'Almeida, novo governador civil de Castelo Branco

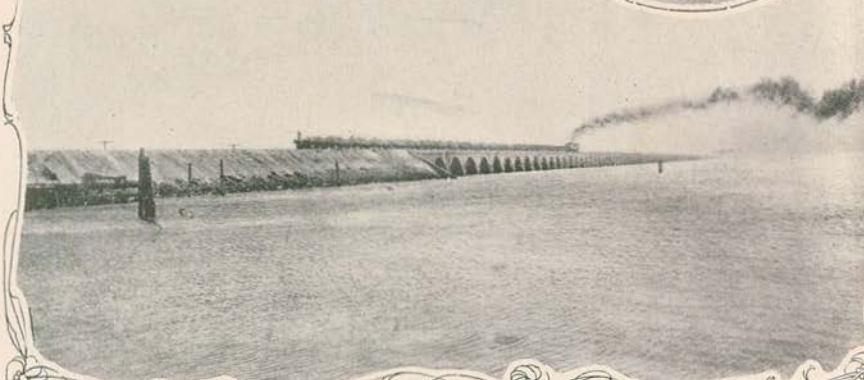
O Politeama—O conhecido emprezario Luiz Pereira vae construir um teatro da rua de Santo Antão que se intitula «Politeama» e que vae ser edificado pelo ilustre arquiteto sr. Ventura Terra.

3—José Pereira de Sampaio (Bruno)

Pereira de Sampaio — O grande escritor acaba de publicar um novo livro intitulado *Porto Culto* que tem obtido um sucesso digno do nome do seu ilustre autor.

Um comboio sobre o mar em Florida—Uma das mais sensacionaes obras de engenharia ultimamente realisadas é a do caminho de ferro por sobre o Oceano que une a Florida á ilha de Key West.





4—Luiz Pereira, emprezario do «Politeama» o novo teatro em construção em Lisboa
5—Um comboio sobre o mar em Florida: A locomotiva atravessando as ilhas de Florida
6—Um comboio de mercadorias na linha que tornou possivel a viagem de New-York a Havana sem transbordo

A tripulação do vapor grego «Photis» encalhado na pedra das Cajadas em Lagos. Ao centro o vice-consul sr. Jorge Novak

As creanças da escola do Centro Miguel Bombarda depois da festa comemorativa do primeiro anniversario da fundação da escola em 2 de março

A atriz Ernesta Cerri, falecida em 2 de março

Italiana formosa e educada que deixara o seu logar n'uma companhia lirica para ficar em Portugal, a atriz Cerri, representou durante algum tempo com exito nos nossos teatros d'opereta.

O general sr. Francisco Gonçalves da Silva, falecido em 2 de março

Era um dos mais ilustres oficiaes do nosso exercito tendo exercido numerosas e brilhantes comissões de serviço.

O monumento a D. Pedro IV, em Angra, mostrando os estragos feitos por um raio

1—Sr. Gama Lobo 2—O pessoal dos caminhos de ferro que promoveu a manifestação ao inspetor sr. Gama Lobo (Cliché Benoliel)

O *Josefina* é o barco de pesca algarvio que meteu no fundo a canhoneira *Faro*, de cuja guarnição morreram o maquinista, o contra-mestre, o imediato e o comandante. Do vapor de pesca, que pertence á firma Correia da Cruz, de Lagos, morreram tambem dois tripulantes.

1—O vapor *Josefina* que fez naufragar a canhoneira *Faro*

2 — Contra-mestre sr. Higino vitima do naufragio

3—O maquinista de marinha sr. Antunes vitima do naufragio

4 — A tripulação do vapor *Josefina*

A GREVE DOS MINEIROS EM INGLATERRA

1—A escolha do carvão

2—Os vagonetes carregados no fundo da mina

O *Times*, o calmo e colossal jornal de Londres, ante a gréve dos mineiros—que rebentou por causa dos trabalhadores terem reclamado dos proprietarios um salario fixo diario em vez da paga segundo o peso do carvão extraído—classifica o facto como a mais formidavel calamidade para a Inglaterra, depois das ameaças da celebre armada hespanhola. Foi ha tres seculos, em 1588, que a frota hespanhola do Demonio do Meio Dia tentou aniquilar, mas debalde, as armadas da Gran-Bretanha e dos Pai-

3—No fundo da mina: os mineiros

4 — Mulheres mineiras

5—O encher dos vagonetes

zes Baixos. Pois, desde essa época, nem mesmo as guerras de toda a Europa, nem mesmo as anciedades de Napoleão em vencer a Albion se comparam a esse flagelo da gréve mineira, conforme confessa o grave e ponderado jornal britani-

co, pasmado da solidariedade de todas as federações mineiras do Paiz de Galles, Escossia e Irlanda, diante dos proprietarios. Se a gréve continúa em todo o mundo faltará o carvão e assim se paralisarão as industrias, todas elas se reduzirão a uma forçada inercia só porque os operarios saem do fundo negro das minas e veem para a luz de braços cruzados.

Debalde o governo inglez tentou solucionar esse movimento poderoso. Os operarios não desistiram das suas reclamações; os proprietarios recusaram-se a obedecer, temendo vêr diminuido o rendimento das minas desde que marcassem um minimo de salario fixo aos trabalhadores em vez de lhes pagarem segundo a tarefa produzida. Tambem dentro em pouco a navegação paralisava-se em alguns portos inglezes, 2000 caminhos de ferro deixaram de trabalhar e a falta de carvão fez-se sentir por toda a parte. Na nossa colonia de Cabo Verde, porto carvoeiro, a necessidade acentuou-se; o governo hespanhol pensou em proibir a exportação do carvão, creando-se um enorme embaraço ás industrias.

D'este modo, em uma bem mantida atitude, com a maior das seguranças, ao abrigo de necessidades, esses milhares de mineiros tratam, por intermedio dos seus delegados com os dos patrões, como de potencia para potencia.

1—Robert Simidie, vice-presidente da Federação geral dos mineiros
2—Hugle Bell, representante dos proprietarios das minas de Duramhagn
3—Thomas Haston, secretario da Federação geral dos proprietarios das minas
4—Edwards, deputado e presidente da Federação dos proprietarios das minas da Gran-Bretanha
5—D. A. Thomas, representante dos proprietarios de minas do Paiz de Galles
6—Willie Abraham, deputado e presidente da Federação dos proprietarios de minas do Paiz de Galles
7—Vernon Ratschovn, representante dos mineiros de Galles na Federação da Gran-Bretanha
8—Sir Clifford J. Cory, deputado presidente da comisão de conciliação

9—Largando o trabalho

10—Um bloco de carvão com 12 toneladas

11—Lendo a proclamação da grève

A REVOLTA DO GENTIO EM CACHEU

O gentio na Guiné anda em quasi constante revolta. São tribus indomaveis que mal aceitam o dominio e bem rebeldes se mostram ao pagamento do imposto. De quando em quando, sobretudo n'essa região de Cacheu, armam-se para a guerra ao menor pretexto e resistem ás nossas armas.

Organisa-se então uma expedição, preparam-se as munições e os viveres, industriam-se os soldados e ao cabo d'algum tempo o gentio batido promete obedecer a todas as imposições dos vencedores, ajoelha, penitencia-se, para no primeiro momento novamente faltar aos seus juramentos.

Foi o que sucedeu agora com

1—Residencia de Farim

2—Porto de Farim no rio Cacheu

3—1.º tenente Carlos Pereira, governador da Guiné
4—Salvas ao governador em Cacheu

1 — Uma rua em Farim junto ao rio Cacheu 2—Residencia oficial de Bolama, Guiné 3—Bajuda, mulher da raça «papel»

4—Em Cacheu: soldados junto a uma das grandes arvores da região 5—Tipos de «grumetes» de Cacheu (Fot. da Sociedade de Geografia)

os indigenas d'aquela região que se revoltaram, sendo batidos pelas nossas tropas sob o comando do governador da provincia, o 1.º tenente sr. Carlos Pereira.

VIDA ARTISTICA

O CONCERTO D'ALFREDO NAPOLEÃO NO SALÃO DA ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

O salão da *Ilustração Portugueza* é um recinto no qual a sociedade elegante tem dado os seus *rendez-vous*, tanto nas exposições como nos magnificos concertos onde se alia a arte, o bom gosto, a alegria, sob a luz feerica das lampadas que iluminam a magnifica dependencia do *Seculo*. Instituido apenas para esse fim, para em intuitos unicamente de arte se apresentarem os artistas, para se realisarem n'ele as festas elegantes e se instalarem as obras de pintores e escultores, tem visto passar as mais lindas figuras de mulher do nosso meio e as maiores celebridades da nossa terra.

Musicos ilustres e pintores consagrados, ali se teem mostrado nos seus concertos e nas exposições, sendo a ultima audição musical a realisada por iniciativa do ilustre pianista Alfredo Napoleão, coadjuvado por madame Mauricio Bensaude, tendo o artista aliado á sua grande arte os talentos de madame Magalhães Correia e de mademoiselles Regina Dupuy e Ester Bensaude, de miss Wyse, do professor de flauta sr. José Henrique dos Santos e do distinto amador de canto sr. Percy Byrne, que formaram um bem admiravel conjunto artistico n'esse concerto.

1 — Mademoiselle Ester Bensaude
2 — Madame Magalhães Correia
3 — Mademoiselle Regina Dupuy
4 — O pianista sr. Alfredo Napoleão
5 — Madame Bensaude.
6 — Miss Wyse
7 — Sr. José Henrique dos Santos, professor de flauta
8 — Sr. Percy Byrne

·UMA·QUESTÃO·DA·CIDADE·

·A·TORRE·DE·BELEM·E·A·FABRICA·DO·GAZ·

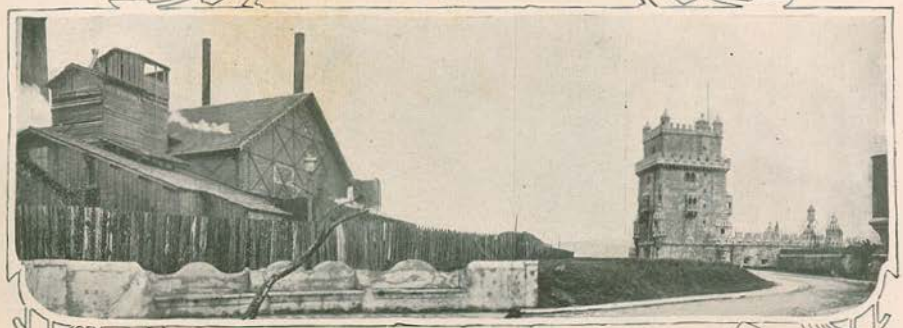
1—A Torre de Belem e as instalações do fabrico do gaz vistos do rio a nascente do monumento

2—A torre de Belem antes de estar junto d'ela a fabrica do gaz (Clichés de Benoliel)

E' este um velho caso que já correu todas as gamas e foi pleiteado em varios logares. No parlamento e na revista do ano, no alegre *Suplemento do Seculo* e nas sessões municipaes, finalmente agora posto diante dos juizes.

A Torre de Belem, a lindissima joia de pedra que se mira nas aguas do Tejo como uma ondina, recebe desde ha anos nos seus corucheus, brazões, ogivas e rendilhados o fumo negro das chaminés da fabrica do gaz, estabelecida nos terrenos adjacentes. O padrão manuelino enfarrusca-se dia a dia, perde em beleza, está ainda mais poupado pelo tisnado do tempo — que causa as rugas, os negrumes das pedras dos monumentos — que por esse constante baforar de fumarada negra expelida pelas enormes chaminés das oficinas do gaz.

E' o presente destruindo n'uma iconoclastia o passado; é a industria vomitando sobre a tradição, quando uma sendo a grandeza d'hoje, não póde repelir a magnificencia d'hontem. Essa torre de Belem—a torre de S. Vicente é obra do tempo de D. Manuel e são tão belos os seus rendilhados, tão mimosas as suas hieraticas figuras como a Nossa Senhora de Belem com Jesus nos braços, sob o seu baldaquino de relevo, que os olhos não se cançam de vêr tan-



3—A torre e os barracões do gaz vistos da porta do forte

ta minudencia na beleza. A sua sala régia—no primeiro andar—com o teto elitico tem por isso a particularidade de, dos angulos da casa, duas pessoas poderem conversar em voz baixa, sem que outra, colocada no meio, as ouça. Corre na sua frente a varanda rendilhada e d'ali se abrange todo o formoso rio azul, as povoações garridas da beira d'agua, os montes fronteiriços da Outra Banda, os longes planos da barra.

Por toda a torre resaltam em escudos cruzes floretadas da Ordem de Cristo e lá do alto ou nas vigias, baluartes e ameias tem-se a impressão da vida ali levada nos tempos recuados da conquista, quando abicavam a este Tejo feliz as naus atochadas de ouro, preciosidades e glorias.

Por vezes essa linda fortaleza foi prisão d'estado, bizarra prisão, gaiola de pedras lavradas, onde agonisaram fidalgos portuguezes de lei como D. Pedro da Cunha, acusado de ter seguido o partido do prior do Crato. Depois foram o duque de Caminha, D. Miguel de Noronha, o marquez de Vila Real, seu pae, D. Luiz de Menezes, o arcebispo de Braga, o bispo de Martyria, o inquisidor D. Francisco de Castro, o grande general Matias d'Albuquerque que, n'esse carcere rendilhado por fóra, negro no intimo das suas casamatas, estiveram ouvindo o bater da agua, o marulhar do Tejo nas paredes, esperando a toda a hora a ordem de subir ao patibulo por conjura contra o soberano.

Passaram por ali figuras historicas; o duque da Terceira pensa em restaurar a torre e consegue-o; o visconde de Pernes, em 1840, é encarregado de instalar n'aquelas salas um museu militar, mas a sua tentativa sossobra.

Por fim a torre é uma curiosidade, um garboso monumento de outras edades, um padrão a espelhar-se nas aguas que outr'ora a rodeavam, um pedaço de pedra maravilhosa que os binoculos dos viajantes procuram de bordo dos navios para um deslumbramento.

Um dia uma vereação, ligeiramente, sem pensar no horrivel efeito d'uns monstros negros junto áquele monumento branco, sem vêr, no seu reduzido criterio artistico, que aquele paralelo era uma marca da sua falta dos conhecimentos mais rudimentares do bom gosto, deixou que se construisse a fabrica do gaz nos terrenos adjacentes da torre conquistados ao Tejo.

Dentro em pouco instalaram-se as oficinas, subiram para os espaços as altas chaminés, um ruido atroou a calma da praia côr d'ouro, e desde então jámais o fumo negro e espesso deixou de enegrecer os lavrados do monumento, de bater nas ogivas e nas janelas formosas, como um marinheiro ebrio a atirar fumaças do seu cachimbo para os lindos olhos d'uma donairosa mulher.

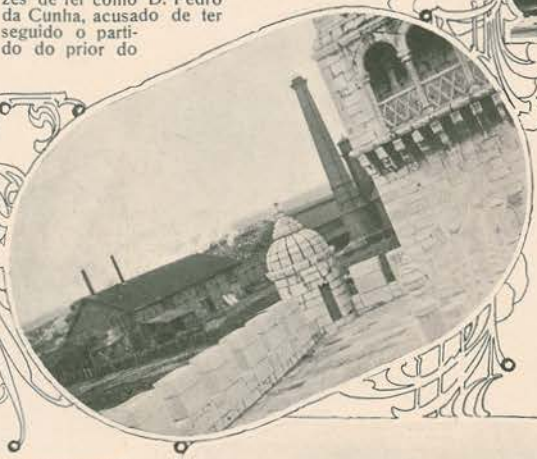
Os jornaes encheram-se de protestos, de alusões, de satiras e a fabrica continuou a expelir fumo em rolos para a torre clara que se mira nas aguas.

O vereador sr. dr. Afonso de Lemos propôz, n'uma das sessões do municipio, que as fabricas do gaz fossem retiradas do terreno até ao fim do primeiro semestre de 1911, mostrando que esses locaes pertenciam á Camara, sendo ela, por consequencia, a culpada do estado horrivel em que se encontrava o magnifico monumento.

A municipalidade aprovou, tres jurisconsultos distintos deram os seus pareceres favoraveis e a ação foi levada para o Tribunal do Comercio, onde se travou uma larga discussão.

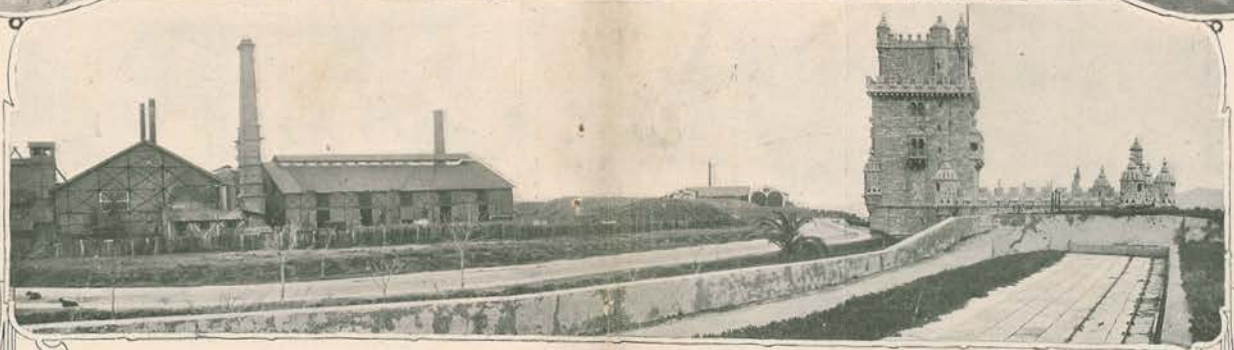
O publico anciosamente esperava saber se aquela linda torre fi-

Como os habitantes do Bom Sucesso vêem a torre



Fotografia tirada da esplanada da fortaleza onde se confundem as chaminés da fabrica de gaz com as vigias da torre

O caminho que conduz de Pedrouços á torre



A Torre de Belem e instalações do gazometro vistas da bateria do Bom Sucesso que se encontra a poente do monumento

(Clichés de Benoliel)

caria sempre, até enegrecer de todo, presa na caverna d'aquela fabrica, ou se se libertaria emfim para ser rodeada de jardins, onde estatuetas de contemporaneos da descoberta se mostrassem á beira do Tejo, para se tornar — como o sr. dr. Afonso de Lemos tambem proporá no Senado — o museu por excelencia, da descoberta da India aquele onde ficaria bem, com os documentos da época, os modelos dos galeões, recordações de Vasco da Gama, as letras e as armas que d'esse grande passado restam.

Durou a audiencia todo o dia 1 de março, entrou ainda pela noite, estando sempre a sala cheia d'um publico atento e ancioso e por fim o juri manifestou-se a favor do municipio emquanto ás suas alegações.

Na primeira reunião do tribunal será pronunciada a sentença e novamente os jornaes, o publico, o parlamento, esperam que essa lindissima joia manuelina se veja, emfim, liberta, que fique em toda a sua gracilidade, só, diante do Tejo, com um jardim rente das suas casamatas, livre do monstro, como uma alva donzela que se salvasse das garras d'um negro dragão.

ROCHA MARTINS.

Os juriconsultos que deram o parecer favoravel ao municipio
1—Dr. Afonso Lopes Vieira
2—Dr. José Francisco d'Azevedo e Silva

3—O sr. Anselmo Braamcamp Freire, presidente da Camara Municipal
4—Dr. Afonso de Lemos que levantou, em agosto de 1910, a questão

A sala do Tribunal do Comercio no dia 1 março, na ocasião em que se discutia a questão entre a Camara Municipal e a Companhia do Gaz
(Cliché de Benoliel)

O DESAFIO DE «FOOT BALL»
ENTRE OS «TEAMS» DO PORTO E DO INTERNACIONAL

Varios aspetos do desafio realisado em 3 de março no campo das Laranjeiras

A EXPOSIÇÃO DE ESCULTURA DO SR. JULIO VAZ

Julio Vaz Junior, que na arte portugueza contemporanea se tem vindo a impôr com perseverança e serenidade, acaba de reunir os seus ultimos trabalhos de escultura n'uma Exposição do Salão da Fotografia Bobone, onde os podemos apreciar em conjunto.

Julio Vaz pertence a uma especie de artistas que se define em poucas palavras, porque tem em si a simplicidade —que é o carater das grandes obras. Artista d'uma arte em que o detalhe ainda seduz quem a trabalha, Julio Vaz preferiu, como Rodin, buscar o traço dominante e permanente de cada figura ou de cada conflito e exteriorisar por ele a sua expressão total. Um paiz em que a arte aparece ainda dominada pelo academismo, apezar da influencia digamos—externa do grande mestre francez, seguir a curva d'um artista como Julio Vaz, é uma nobre consolação: a sua *Velha* e o *Octogenario* que aí nos chega do *Salon des Artistes Français*, onde este ano foi admirado, são filhos legitimos d'este processo e ficarão entre os mais altos do-

1—O escultor sr. Julio Vaz 2—Busto de Torquato Pinheiro 3—Busto do sr. Eloi do Amaral 4—A mãe do artista
5—Busto do sr. Pedro Fernandes Tomaz 6—Os Humildes, rêde d'arrasto

cumentos da arte portugueza contemporanea.

Mas Julio Vaz é acima de tudo um isolado, vivendo uma vida interior e creando ás suas figuras toda uma ação interior. Assim ele é levado a executar o busto de Torquato Pinheiro, que é um notavel documento psicologico e o alegre desvanecimento de que temos um escultor de intelectuaes, sabendo desvendar em cada um a sua atividade, o traço carateristico da sua vida mental, — um artista que se eleva finalmente á compreensão do *elemento humano* de Wagner e faz d'ele razão da sua arte, e ao mesmo tempo entra a realisar a tragedia dos humildes e a epopeia do trabalho com um carinho, uma nobreza, um vigor e um sôpro que evocou naturalmente as supremas figuras de Mennier, nas quaes o bronze encontrou afinal uma expressão toda digna de si e da sua força imortal. Assim esses notaveis estudos dos *Humildes* e as figuras da *Gréve*.

1 — Austera (Busto da Republica)

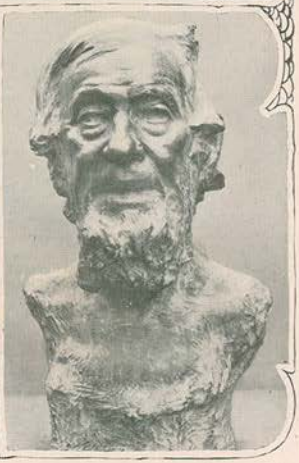
2—A Gréve

3—Velha

4—Octogenario

A obra de Julio Vaz, vista assim em conjunto, aparece-nos como o documento d'um grande artista caminhando para a beleza com a fé dos inspirados e a esperança d'uma perfeição sempre maior.

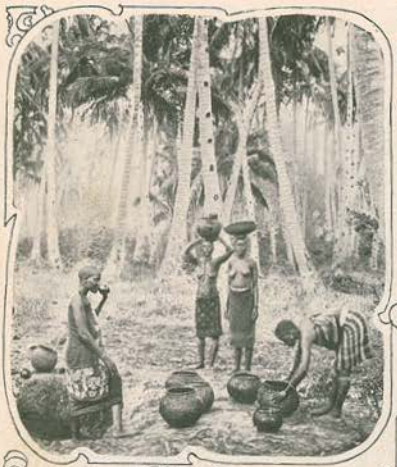
V. S.



A·VIDA·NA·ZAMBEZIA

Já lá vão 33 anos quando cheguei pela primeira vez, e ainda com uma pequena embarcação á véla de 150 toneladas por falta de carreiras a vapor, á Zambezia. Pois desde esta época até hoje o governo não fez nenhum melhoramento palpitavel n'esta região. E' devéras triste de notar quanto podia esta região ser desenvolvida se o governo tivesse atendido aos varios pedidos dos habitantes para ligar o caminho de ferro de Port-Herald com o porto de Quelimane. Desde 1898 não cessaram os requerimentos, não faltou nenhuma semana em que não fossem publicados artigos sobre a necessidade urgente de fazer esse caminho de ferro mas o governo entendeu até hoje ficar com os braços cruzados dando o resultado de esta rica região com os seus terrenos tão ferteis, desde Quelimane até ás fronteiras, estar hoje completamente aniquilada pela construção, concedida pelo governo, do caminho de ferro da Beira a Port-Herald. Todo o trafico do interior e o comercio ficarão desviados para a Beira e Quelimane e Chinde condemnadas á maior miseria. Não ha na costa de Africa Oriental nenhuma vila que se possa comparar com Quelimane. Que riqueza, que terrenos no interior para a cultura de produtos oleaginosos, que ricas casas e magnificas ruas se encontram n'este pequeno paraiso! E não é só Quelimane mas toda a Zambezia é riquis-

1—Indigenas a descascar côco 2—Sr. D. Eduardo de Matos 3—Estrada de Qualani (Quelimane)
4—Ourives indigenas 5—Antiga fachada da fortaleza de Senna da Zambezia 6—Minas de cobre de pandenacua



1—Palmar em Quelimane

2—Estrada de Qualani perto de Quelimane

sima; prova isso a enorme produção da Companhia de Assucar. Quantos milhares de toneladas são anualmente exportadas pela Companhia, cujo representante, sr. J. P. Hornung merece todo o elogio pela energia, atividade e persistencia com que nos ultimos 10 anos tem sabido valorisar esta região.

Se na Zambezia houvesse mais 3 ou 4 pessoas da qualidade do sr. Hornung elas mostrariam muito depressa quanto esta Zambezia podia produzir. Mas infelizmente, falta o capital e homens energicos e não por serem os terrenos incapazes de produzir. Escrevi tantos artigos sobre esta decadencia e sobre a necessidade urgente de fazer o caminho de ferro de Quelimane atravez as ricas regiões do interior, que hesito voltar novamente ao assunto; bastam hoje algumas fotografias d'estas regiões que mostram bem a riqueza d'esta colonia tão desprezada.

Lisboa, 27 de fevereiro de 1912.

D. Eduardo João Teixeira de Matos

3—Inscrições dos viajantes: á entrada de Lupata na Zambezia
4—Como se viaja do interior d'Africa
5—Aguas de Lupata
6—Ultima rocha na Lupata

EXPOSIÇÃO D'ARTE APLICADA

PROMOVIDA PELA PROFESSORA Sr.ª D. ADELAIDE D'ALMEIDA

1—A lição no «atelier»
2—Sr.ª D. Zulmira Freitas, expositora

3—Aspeto da exposição

4—A sr.ª D. Adelaide d'Almeida explicando uma lição à mademoiselle Ribeiro da Costa
5—Sr.ª D. Virginia d'Aboim (Idanha) expositora

Os trabalhos das alunas da professora sr.ª D. Adelaide Dias, constituindo uma novidade no nosso meio, são deveras interessantes e muita gente tem visitado a sua magnifica exposição na Costa do Castelo 37

(Clichés de Benoliel)

A Pintura "Futurista"

1—*A Rusga* quadro de Boccioni

Acaba de aparecer em Paris uma coisa estupenda, inimaginavel: a arte futurista. Um habitante de outro planeta exibido n'uma jaula, não provocaria mais sucesso nem mais concorrencia. Os sequiosos de novidade desalteraram-se. Os amorosos de inédito desmaiaram de voluptuosidade. O *nihil novi sub sole* caducou formalmente.

E' Bernheim-Jeune que oferece a Paris, na sua galeria famosa, este espétaculo mais sensacional que as dansas do Cambodge em 1900. Paris passa por lá, comove-se, extasia-se, empina-se, apupa, e sae divertido planteando: *quels types*!

Com efeito, *quels types*, os futuristas!

2—*Idolo Moderno*, quadro de Boccioni
3—*Um comboio a toda a velocidade*

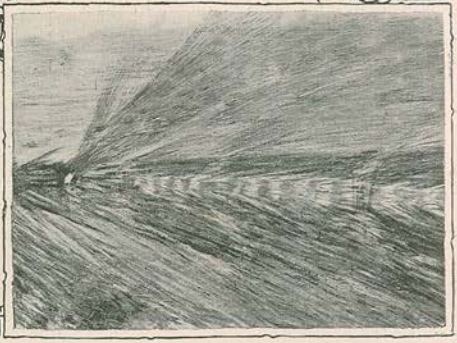
Eles aboliram o finito das conceções, as leis enferrujadas da mecanica, da fisica e da estetica que regulavam o mundo. Rembrandt, Velasquez, Segantini, o discutido Rodin, o inadmitido Cezanne, o imoderado Matisse, os inaparados cubistas foram remetidos para o sotão poeirento dos antepassados em arte.

Por isso ha uma semana que Paris não come, não dorme, não ama; Paris sonha futurismo, pezadelos de forças dinamicas, d'estados d'alma, de cavalos de vinte patas, de focinhos humanos seccionados á metralha.

O futurismo é feito de pezadelos mais revolucionarios que os que predisse o Apocalyse e o livro de Pataud.

Imagine-se o mundo marchando de esguelhas, todas as torres como a torre de Pisa, as casas a vergarem de panico, os autobus de Paris, estas suaves arcas de Noé, de freio nos dentes; imagine-se a consciencia dos cidadãos posta a nú, como a Feira da Ladra, com os seus escaninhos devassados, coisas asquerosas, coisas ternas; o movimento das cidades tomado de alucinação, os infinitos ritmos da vida a cavalo uns nos outros, e ter-se-ha uma frouxa idéa do futurismo. O futurismo é indiscritivel e como a idéa de Deus só se entrega fraccionariamente á nossa intuição. Como Deus ele é tudo, o tempo, o espaço, a alma na cova da mão ou n'um metro de tela.

Para os futuristas, pintura e sensação são uma. O que eu pinto é o que eu sinto. O meu retrato é menos o meu rosto que a minha consciencia escancarada. Além de ser o que eu sinto é o que o futurista sente. A minha cabeça são duas cabeças, mas pódem ser seis se a lei dinamica o exige. A minha fronte não fecha preocupadamente a vida interior; é uma arca de que saltou a tampa e d'onde manão materialisadas as minhas sensações, emoções e sentimentos, tigres ferozes, lascivas embuscadas, cordeirinhos de mama. Eles



1—O «Boulevard», por Severini 2—«O Riso», por Boccioni 3—«A Dansa do panpan» no «Monico», por Severini

espalham-se em volta de mim como uma lava, amachucam-me, hediondisam-me, dão-me um nariz de hipopotamo, feito de promontorio e levam-me um olho para um metro de distancia do outro. Por cima de mim passarão carros de mil rodas a voar, avejões de mil azas ás piruetas. Tudo isto para traduzir o estado da minha alma e a sensação dinamica que inspirei ao artista. Fazem o meu retrato sem me vêr, mediummnicamente, adivinhando-me. O pintor não se serve da observação mas da intuição. O modelo é uma cobardia artistica, a unica verdade é o que se palpita.

Vi-te com os olhos da alma, pinto-te. Se teus olhos faiscavam de luxuria, no teu retrato, á laia de vinheta, sem medida de planos, desfilará um exercito de harens; se és donzela teus cabelos serão grossas cordas de encarrar. Para teus cabelos a unica expressão é a corda, o calabre, emblema dos cativeiros. Aqui a verdade é feita de canhamo. A tua alma, oh virgem, será decomposta nos seus trajetos, espipada até o futuro mais remoto como uma roca; as entranhas de teu pensamento irão para o quadro, núas e sangrentas como as tripas de vaca á porta dos açougues. O futurista péga na gente e escarra-a na téla, com tudo em volta, com o mundo ás costas, no seu constante movimento, no escarneo de todo o *eu* desfraldado a modo de bandeira. E' pois a psicologia incontradita, a historia e póde ser o pelourinho.

O que subtis filosofos não encontraram, caçou-o o futurismo com duas vassouradas de pincel. O quadro futurista dá a *simultaneidade dos estados de consciencia.* Mentira que a materia seja impenetravel, que o meu sentimento quando sinto seja unico, distinto, indiviso.

No mesmo milionesimo do pensamento pódem viver ao mesmo tem-

em mim Barrabraz e Caifás, amor e odio, Méca e Jerusalem, Jean Jacques Rousseau e Paul de Koch. Retratado ao balcão eu serei no mesmo plano, a rua alagada de sol, a procissão hirta das casas, o monoculo do méco que passa, o sorriso da *gourgandine qui raccóle.* Serei tudo isto e para ser isto, o meu olho direito está na *gourgandine,* o esquerdo no sujeito e as minhas mãos tateiam os predios.

Eu serei difundido por tudo isto, como pó, só haverá uma nota vaga, pardacenta, que dirá que eu estarei ali, que ali é o meu centro e d'ali me espalhei pelas infinitas coisas. Serei o que materialmente está ao meu alcance e o que a minha memoria sensitiva poderá evocar desde o ha mil anos que foi até o mil anos a vir, o presente, o preterito e o futuro, emfim Deus no universo de minhas emoções.

E' esta a *sensação dinamica e intuitiva* do futurismo. Como meter este cosmos dentro d'um metro de tela? A' força de batalhas de planos, de algaravias de côres, de linhas telescopadas, todo o jogo demente da geometria. Mas sobre este caos, o resplendor de uma harmonia nova canta como a voz do Eterno no laborioso dar á luz dos mundos.

Como se vê para o artista não ha motivo, mas motivos, como não ha dois hombros, mas muitos hombros, ou um só hombro, não um gesto, mas as inumeras vibrações d'um gesto. Uma bengala que fére não é um pau com dimensões precisas, é um léque de bengalas, segundo o espaço da trajetoria e o folêgo de que vem animada! Não ha estatica, não ha repouso, tudo bóle, tudo corre, tudo se transforma. Um perfil não pára imovel deante de nós, mas aparece e desaparece sem cessar. Os objetos em movimento multiplicam-se ininterruptamente, deformam-se como vibrações precipitadas no espaço

que percorrem. Um cavalo a galope terá, não quatro patas, mas vinte e a sua carreira é triangular. Em suma, em teoria o espaço não existe, milhares de kilometros separam uma casa do sol, mas isso não impede que o futurista a engaste no disco solar. Além d'isso não ha mais opacidade nos corpos. Os olhos do artista enxergam como os raios X. Sobre a queixada do interlocutor vê-se passar a trote a azemola que vae além no cabo da rua. Os nossos corpos entram nos canapés e os canapés entram nos nossos corpos. O autobus lança-se atravez das casas que ultrapassa e por sua vez as casas precipitam-se sobre o autobus e fundem-se com ele

Modestamente o futurista pretende reentrar na vida d'onde desertaram os artistas de Rafael para cá. Para isso a arte renegará o passado e colaborará com o seculo, na dominação, na vontade, traduzindo as multidões torrenciaes, o seu notambulismo eletrico, os trens loucos e as grandes ilhas desamarradas que são os transatlanticos. O futurismo quer representar a vida moderna por impressões psiquicas e totaes, sem analise, nem ótica. Quer, emfim, imitar o gesto do Creador do nada, sem nada arrancar o tudo, mas o tudo que seja d'hoje, erratico, selvagem, de aço e luz eletrica. Nada das suavidades falaciosas do repouso, nada de curvas volutuosas, da elegante firmeza das retas. Tudo em ebulição, em fuga, arrastando o seu *eu*, a galopar, um galope doido, que nem o pensamento tem o direito de obstrair n'uma das suas infinitas posições do espaço.

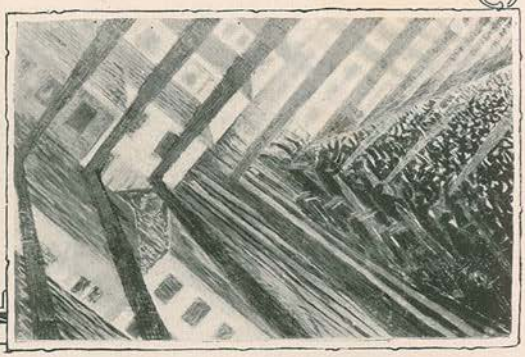
Ha todavia n'esta escola, que acaba de estalar em Paris como uma bomba, alguma coisa de util e bem intencionado. A caracteristica do nosso seculo é efetivamente o movimento. A mobilidade, a rapidez, a ação são tão nossas como dos gregos eram a placidez, o repouso, a serenidade. Nós somos sofregos, enquanto que os antigos eram moderados. Nós somos vitimas da insatisfação e eles eram-no da saciedade. Nos nossos dias o homem vôa nos bons tempos da Grecia, de Roma e de Florença o homem peripatetisava. Onde eles tinham a elegante quadriga, a galéra, nós temos o expresso de 100 á hora, o aeroplano de 150; para eles as termas, o acubito, os columbarios, os ginasios onde se cultivava a fórma; para nós o automovel, o ascensor eletrico, a cosinha *saignante*, a casa de dez andares. As epocas são essencialmente diferentes. Por isso a arte antiga se inspirava em linhas de abandono e em imobilidades elegantes, por isso a arte d'hoje deve procurar o jogo das forças, a instantaneidade das coisas. N'isto o futurismo é um sinal de alarme aos artistas que persistem em pintar com os pinceis de Van Dyck ou Velasquez. A vida é outra, os simbolos e as representações devem ser outras. Nós estamos fartos do convencional, do hieratico, da etiqueta abaixo da obra d'arte. Os Amôres, as Caridades, as Historias, as Preces, tudo é bafio na nossa éra nevrotica e de ciencia. Depois do impressionismo e outras escolas anciosas de novidade os futuristas, loucos e irritantes, teem o prestimo de esquissar corajosamente a teoria nova da arte. São precursores pedantes e ilogicos, mas trouxeram *quand méne* uma revelação. A revelação foi impôr como principio supremo de escola o carater da epoca.

Os futuristas são sectarios formidaveis que espalham as suas idéas a sôco, pela conferencia, pelo jornal, pelo manifesto. Até onde vae a sua fiducia dil-o esta peroração de Marinetti, patriarca do futurismo:

«Um dia virá em que o quadro não ha de bastar. A sua imobilidade aparecer-nos-ha como um anacronismo ridiculo, no movimento vertiginoso e crescente da vida. A vista humana, perceberá a côr como um sentimento. As côres, multiplicando-se, não terão necessidade de fórmas para serem percebidas e compreendidas. Porémos então de parte télas e pinceis. E em vez de quadros oferceremos ao mundo pinturas gigantescas efemeras, formadas por archotes incandescendentes, refletores eletricos e gazes policromos, os quaes harmonisando suas grinaldas, suas espiraes, sua ramagem no arco do horizonte, encherão de entusiasmo a alma complexa das multidões futuras.»

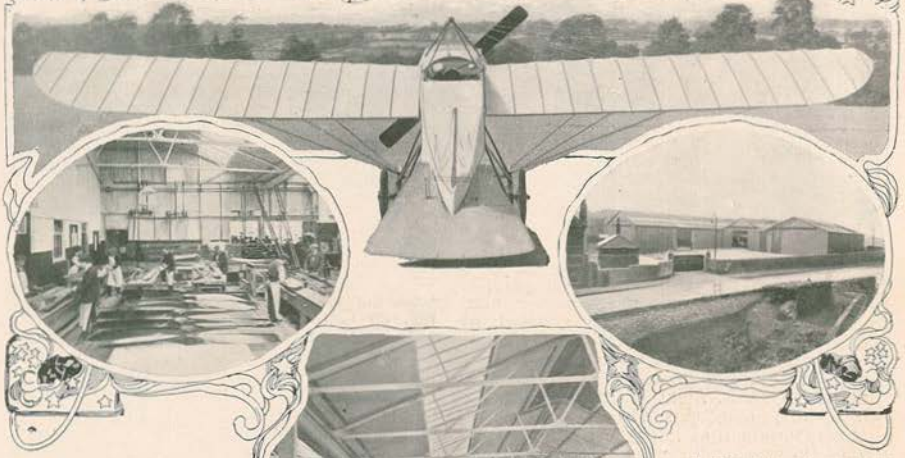
Paris 17 fev.

AQUILINO RIBEIRO.



1—*A rua entra pela casa*, por Boccioni 2—*A revolta*, por Russolo

COMO SE FAZ UM AEREOPLANO



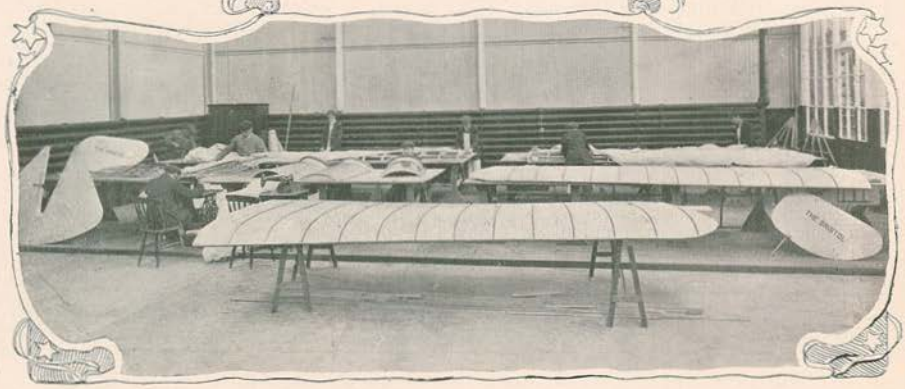
1—O aeroplano completo mostrando os assentos
2—A construção da helice

3—Uma fabrica de aeroplanos: A Casa Bristol

4—Construção do esqueleto da aza
5—Cobrindo a aza, o leme e a cauda de sustentação

Estamos em pleno seculo XX, e a Edade do Vôo ha tanto tempo suspirada, está a chegar por fim. Senhor absoluto dos mares e da terra, o homem, creatura ambiciosa, não podia por mais tempo, confinar-se aos exiguos limites da terra firme. Era preciso conquistar o ar, e roubar á aguia soberana os relmos dos espaços. Tremera de raiva o Oceano, quando as naus dos grandes navegadores lhe feriram o seio espumante; na floresta, emudecera-se o rugir do leão ante a voz suprema do homem, só ela, a rainha das aves, altiva, dominando o espaço, atravez de tantas gerações zombara do poder humano. O advento da maquina voadôra porém ferira-a de morte, e hoje a grande ave do seculo XX, no seu vôo vertiginioso atravez do espaço, assegurou ao homem na realisação dos seus sonhos dourados, a supremacia dos ares.

Foi nos campos de Bagatelle, por uma tarde de setembro de 1906, que se efetuou o primeiro ensaio aereo. Desde então, a travessia do canal da Mancha, a conquista dos Alpes, o circuito da Europa e o da Gran-Bretanha, e tantos outros admiraveis vôos, teem mostrado que o dominio dos ares, não é uma mera ilusão, mas um facto



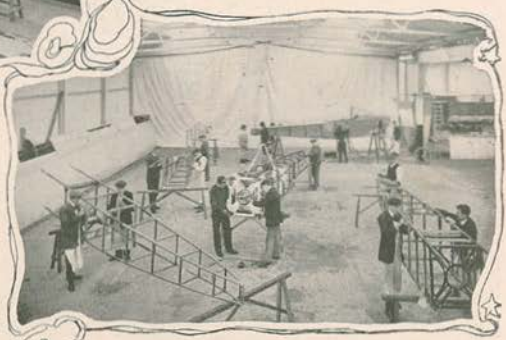
consumado. E' talvez inutil, atestar aqui o valor incalculavel do aeroplano, debaixo do ponto de vista militar.

Os soldados da Italia, não dão um passo nas areias movediças de Tripoli, sem que a maquina voadôra lhes indique o caminho a seguir.

Os turcos ao avistarem-na, levantam á pressa os acampamentos, e dispersam-se no deserto, porque os seus planos foram descobertos, e levados n'um momento ao campo inimigo.

A França, mais do que nenhuma outra nação soube reconhecer o valor do aero-

Os ultimos sucessos da aviação teem sido admiraveis, e n'este momento em que o aeroplano está por assim dizer revolucionando o mundo militar, é preciso que o governo portuguez não fique atraz das outras nações, e se crie um corpo especial aereo, que para começar póde ficar adido a divisão de engenharia. Não hão de faltar nas fileiras do nosso exercito oficiaes destemidos, que se dediquem á nova ciencia. No estrangeiro ha escolas bem montadas, aonde os oficiaes portuguezes poderão encontrar uma solida instrução no manejo do aeroplano. A Casa Bristol, de Inglaterra,



1—Um «double seater» militar em pleno vôo sobre os campos de Salisburg
2—Armando um biplano
3—A construção da furelage e a montagem do motôr 4—Um Bristol «double seater» militar mostrando o famoso motôr Gnome

plano, e emquanto a Inglaterra e a Alemanha, combatem pelo maior poder naval, ela quer a supremacia dos ares. Os seus exercitos, já contam um grande numero de aeroplanos, cuja organisação é admiravel.

No Senado francez M. Millies-Lacroix anunciou ha dias, que 480:000 libras já se puzeram de parte para a aviação militar, afóra outra verba de 880:000 libras, que será o orçamento d'este ano, não incluindo outras despezas para materiaes e construção de *haugars*. A França no fim d'este ano possuirá uma esquadra aerea de 344 aeroplanos, 234 oficiaes pilotos, um grande numero de soldados mecanicos, cabos sapadores e um serviço especial de automoveis para reparos.

além de ser uma das maiores fabricas de aeroplanos em existencia, possue em Salisbury, no vasto campo das manobras inglezas, uma das melhores escolas militares de aviação até hoje conhecidas, onde quasi diariamente, um grande numero de oficiaes inglezes e estrangeiros, praticam não só na arte de voar, como tambem na construção do aeroplano.

Pense-se n'isto emquanto é tempo, porque não está longe o dia, em que as grandes esquadras aereas, ameaçando os espaços, hão de mudar por completo a velha tatica de guerra.

As fotografias que publicamos são bastante elucidativas das varias fases da construção d'um aeroplano, seguida passo a passo desde as suas bases ao momento em que está pronto para erguer o seu vôo.

Londres, março de 1912.

MANUEL F. CRAVO.

Estrelas de Paris

MONNA DELZA

Certo dia esperava eu, a um dos *guichets* de uma casa bancaria de Paris, quando uma mulher entrou para descontar uma letra chegada do Brazil. Vestia com a simplicidade extremamente elegante d'uma parisiense de bom gosto nas *courses* do seu *après-midi*. E, á sua chegada foi um alvoroço. Os empregados inglezes, novos e velhos, levantaram todos, curiosos, o olhar cansado de alinhar cifras nos *in-folio* descomunaes: um interrompeu uma ordem em meio, outro precipitou um recado ao telefone. E, junto do pequeno *guichet* onde eu esperára um quarto d'hora que um glabro subdito do rei Jorge viesse inquirir dos meus desejos, era agora uma multidão de funcionarios de todas as categorias que se acumulava, na ancia de receber o papel nho azul que lhes estendia com graça aquela mão gentil.

D'aí a momentos, o caixa, pobre homem transpirando burocracia na polida cabeça que talvez a mais sedutora das trunfas cobrira outr'ora, entregou a essa mi-

1, 2 e 3—A atriz Delza

1 e 2 — A atriz Delza

3—A atriz Monna Delza, desenho do sr. Pelele
4—A atriz Monna Delza, na *Vierge Folle*

recita de *Vierge folle* é uma das mais belas francezas que eu conheço: — beleza d'hoje, cheia de graça, espiritual e fina, parisiense até não poder ser mais e que, com um talento notavel de comediante, faz d'essa creatura de sonho uma das mais interessantes e deliciosas figuras dos palcos de Paris.

P. O.

nuscula mão gentil,—tremulo, gaguejante, desorientado —, não sei já quantas notas de mil. Ela saiu. Dezenas de olhares a seguiram. O mesmo nome correu todas as bocas: Monna Delza. E eu fiquei pensando em que é preciso ser-se extraordinariamente linda para merecer um tal sucesso n'uma terra como esta que é no mundo a capital da formosura da mulher.

Realmente, essa Monna Delza que os senhores viram aí na cena do Tesouro Velho, n'uma

AS TRANSFORMAÇÕES DA SUPERFICIE DA TERRA
CONFERENCIA DO Sr. Dr. SILVA TELLES

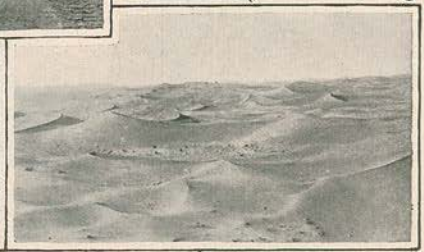
1—Dr. Silva Teles

Vae-se divulgando entre o povo uma serie de conhecimentos utilissimos, mercê d'um grupo

dores, medicos, que n'uma serie de trabalhos expostos na mais simples linguagem, fazem o ensinamento do povo.

O sr. dr. Silva Teles explicou, no Club do Calvario, no bairro d'Alcantara, as transformações e evolução da superficie da terra diante d'um atento auditorio, mostrando os seus exemplos em nitidissimas projeções luminosas.

Fez a descrição da Europa,



2—Erupção vulcanica da Montanha Pelée (Martinique) em 1902
3—Abismo de Padirac (França)

4—Dunas continentaes do Sahará (Oran)

de homens que determinou ir aos domingos pelos bairros populosos fazer

dos seus mares, das suas montanhas, do seu solo dedicando um largo trecho da sua conferencia a Portugal.

6—Glaciares de Bossons e Taernaz (Chamounix-Alpes)

5—Vertice do Monte Branco (Alpes)

7—Ruinas d'uma montanha (Dolomias, no Tyrol)
8—Vale aberto por um glaciar (E'tançons-França)

os cursos da Universidade Livre. São professores ilustres, matematicos, historia-

E' esta uma magnifica iniciativa que dará os mais belos e uteis resultados.